

# Belíndia ou Bangladânia?

Há 11 anos, o ex-Presidente do IBGE Edmar Bacha classificava o Brasil de "Belíndia" para retratar o desequilíbrio do País. Há quatro dias, o ex-Ministro Mário Henrique Simonsen escreveu no GLOBO o artigo "Um trem-bala para

Bangladânia", uma crítica a alguns Constituintes, que, segundo Simonsen, dizimarão o progresso nacional caso suas propostas econômicas integrem a nova Carta Magna. O Brasil passará a ter a pobreza de Bangladesh e a mão

de ferro estatizante da Albânia. O GLOBO ouviu os dois economistas e empresários e artistas a respeito das opiniões de Simonsen, que não admite a intervenção do Estado na economia, um desastre para a recuperação do País

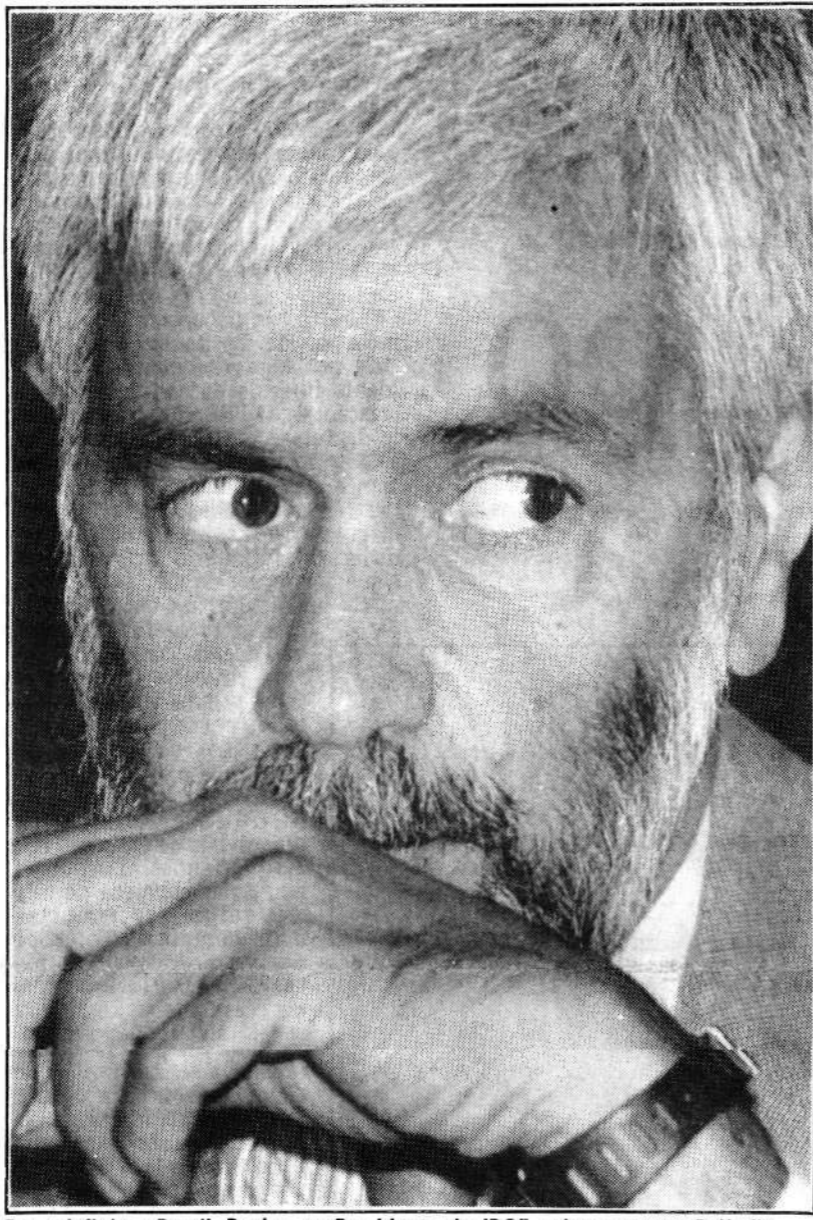
## Um país de contrastes

Era uma vez um país dos contrastes que se chamava Belíndia. Este estranho lugar abrigava uma pequena região próspera e desenvolvida, como a Bélgica, cercada de pobreza por todos os lados, como a Índia. Qualquer semelhança não é mera coincidência, trata-se mesmo do Brasil na visão de Edmar Bacha, um economista que já foi Presidente do IBGE, e portanto, manteve durante boa parte da Nova República, relações estreitas com as estatísticas nacionais. Com a palavra o seu criador:

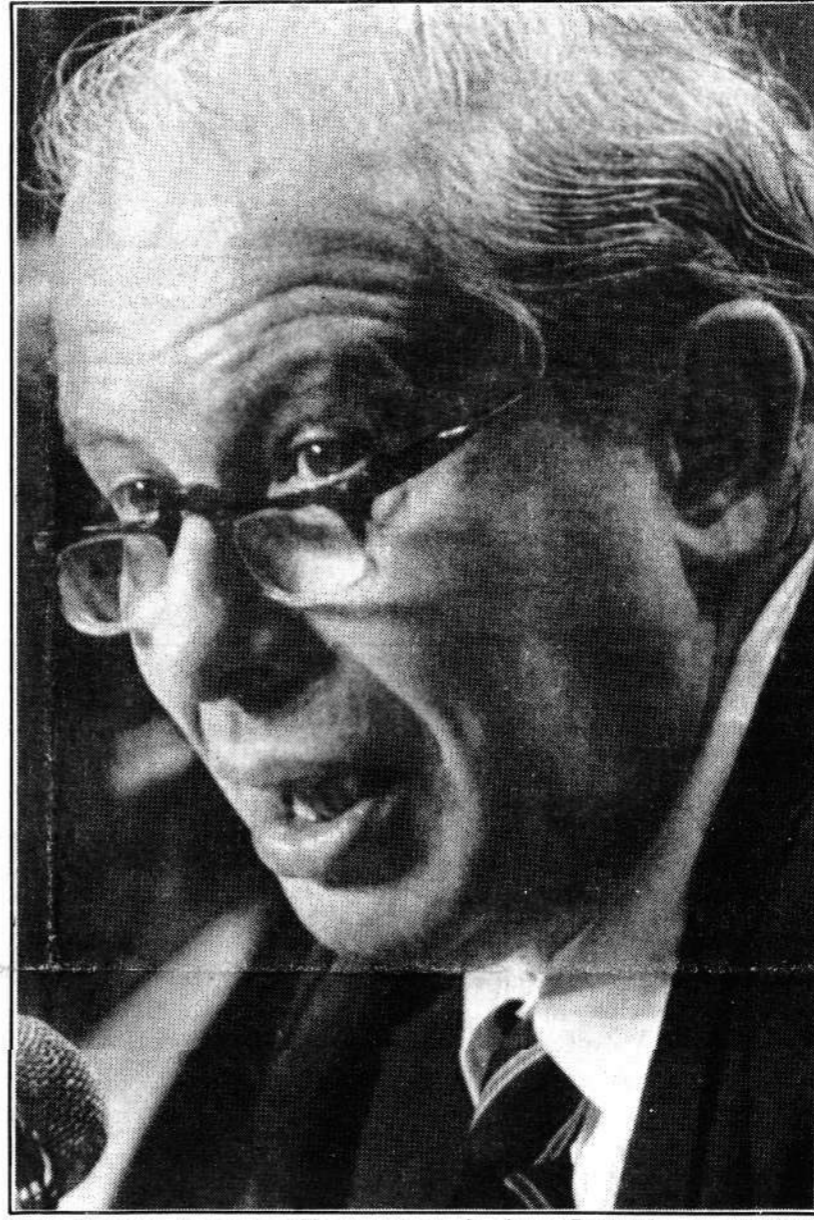
— Foi uma concepção que partiu da ideia de um jangadeiro que ao presentear o ex-Presidente Médici em 1972 com uma jangada disse com a maior simplicidade: "Desse jeito, General, o Brasil só vai desenvolver de uma banda. A outra vai ficar desmantelada".

A sabedoria do pescador inspirou anos depois Bacha nesta fábula. Apesar de ter se passado tanto tempo entre o "insight" do jangadeiro e a historinha do professor, os contrastes brasileiros não foram diluídos com os anos, pelo contrário diz Bacha. O sistemático desenvolvimento tecnológico das grandes metrópoles tornam a parte Bélgica cada vez mais distante da parte Índia, que ainda se vê às voltas com uma enorme miséria e técnicas rudimentares de subsistência.

A Bangladânia, extrapolação do ex-Ministro da Fazenda Mário Henrique Simonsen, a terra não prometida que o professor Bacha afirmou desconhecer, "terá o poder de transformar a Bélgica brasileira em um lugar muito pouco agradável de se viver". Quem viver verá?



Para definir o Brasil, Bacha, ex-Presidente do IBGE, criou o termo Belíndia



Mário Henrique Simonsen critica a postura de alguns Deputados Constituintes

## Um trem sem freio

Imagine um país onde quase toda a população vive em estado de miséria, isolada do mundo, sem comércio exterior e com um sistema financeiro estatizado. Imagine um país que não pagará mais um centavo de sua dívida externa superior a US\$ 100 bilhões, mas em compensação também não receberá nunca mais novos empréstimos dos bancos internacionais. Imagine um país onde os trabalhadores tenham direito a 40 horas semanais de trabalho e estabilidade no emprego, mas que infelizmente não podem gozar desses benefícios porque simplesmente não há empregos disponíveis.

Este país chama-se Bangladânia, uma ficção criada pelo ex-Ministro da Fazenda, Mário Henrique Simonsen, que, segundo ele, alguns Constituintes querem transformar em realidade. Bangladânia, explica Simonsen, é uma mistura da pobreza de Bangladesh com o regime fechado da Albânia, na qual o Brasil poderá ser transformado caso sejam aprovados alguns projetos propostos na Constituinte.

Em Bangladânia, acrescenta o ex-Ministro, não haverá empresas multinacionais, pois nenhuma empresa estrangeira terá interesse em permanecer nesse país. O Estado tomará conta de tudo e o país parará no tempo, pois não haverá mais recursos nem tecnologia para que o desenvolvimento continue.

Simonsen prefere acreditar, porém, que a sua ficção não passe disso e espera que o trem-bala tomado por alguns Constituintes para Bangladânia descarrile antes de chegar ao seu destino.

## AS REAÇÕES DE QUEM VIVE NO BRASIL DE VERDADE

### Falta sinceridade, sobra ficção

"O Mário Henrique Simonsen foi feliz no seu artigo e conseguiu retratar o que ocorre hoje no Congresso Nacional. É uma pena que muita gente esteja pensando que a Constituinte vá resolver todos os problemas do País. Isso não é verdade. Criou-se uma ilusão a respeito da Constituinte. O bom é que todos busquem a realidade e coloquem o pé no chão".

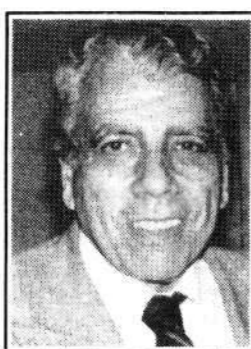
"Venho advertindo que a maior parte dos Constituintes, busca uma estatização da economia. É uma parte que assim pensa, por isso não generalizo. O País é pobre e precisa saber o que é melhor para si. Deve acabar com esse negócio de 40 horas de trabalho semanais, quando sabemos perfeitamente que temos de trabalhar mais para que o País saia dessa situação terrível em que se encontra".

"O Simonsen alertou para a irrealidade em que o País vive atualmente, pensando até em construir uma ferrovia Norte-Sul, quando o recomendável seria o início de uma reformulação, uma reconstrução das ferrovias já existentes".

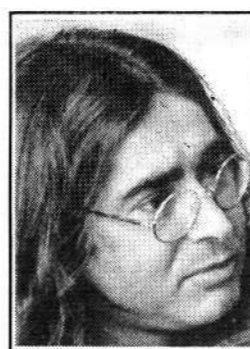
**Antônio Ermirio de Moraes**, Diretor Superintendente do grupo Votorantim

"Esse projeto de estabilidade é um retrocesso na vida do País. Nós defendemos todas as conquistas dos trabalhadores porque qualquer retrocesso seria inaceitável. Mas defendemos também o direito empresarial de manter nos empregos o empregado que preencher as necessidades do cargo para o qual foi admitido. E isso só pode ser verificado após um período experimental. Nenhum país do mundo garante a estabilidade de emprego, nem mesmo os países socialistas. O projeto prejudica mais o empregado e acabará, evidentemente, com a classe empresarial, pois será melhor ser empregado. Não haverá nem Bangladesh nem Albânia, mas apenas o caos".

**Silvio Cunha**, Presidente do Clube dos Diretores Lojistas.



Antônio Ermirio



O poeta "Cacaso"



Afonso Celso Pastore



Elmo Araújo Camões



Fernando Couto Lisboa



Jorge Mautner

"Associar um país com outro depende da visão de cada um; são tantos contrastes que se pode fazer mil relações. Elas têm um certo sentido poético. O fato é que quem é rico fica mais rico e quem é pobre fica mais pobre. Para se enxergar a a miséria não é preciso comparar o Norte ao Sul, basta ir a Copacabana, que exprime a verdadeira natureza selvagem do capitalismo brasileiro. Não é a intervenção do Estado que os capitalistas querem, mas integrar-se na economia de mercado. A economia brasileira, pela exagerada presença estatal, parece que está com prisão de ventre. Não se faz nada sem um purgante, sem os decretos. O Estado é um câncer. A atual interferência não caminha para a esquerda, e sim para o nazismo, o capitalismo de estado. A intervenção hoje não obedece a um planejamento de interesses da sociedade. No Brasil as coisas não têm pé nem cabeça. Tem mais dentistas do que os Estados Unidos e a União Soviética juntos. A conclusão é aqui não se encontra os dentes cariados. Acho que tudo vai ficar ruim até que cheguemos ao socialismo. Mas uma esperança que valeria a pena seria o incentivo à privatização, com o Estado ficando responsável pela parte social. Nunca houve a etapa de liberalismo econômico que houve, por exemplo, na Europa".

**Cacaso**, poeta e ex-professor de História Econômica.

"Os Constituintes estão elaborando questões que não dizem respeito a eles. Estão se intrometendo na área econômica, que nada tem a ver com eles. Estão fazendo uma abstração que só prejudica o País. Não está dando para entender o que está sendo feito. Para mim, os Constituintes estão com os pés firmemente presos no vento. O Simonsen foi de um humor finíssimo. É um homem inteligente e que enxerga. Foi sutil em vários pontos. Vou respeitar sua sutileza".

**Afonso Celso Pastore**, ex-Presidente do Banco Central e empresário

"O documento escrito pelo ex-Ministro Mário Henrique Simonsen é extremamente lúcido. Estamos nesse trem-bala para Bangladânia e devem ser tomadas medidas energéticas para coibir essa onda de insensatez, que só interessa a elementos não sei bem que de que orientação. Temos que descarrilar o trem-bala de qualquer maneira".

**Edgar Arp**, Presidente em exercício da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan).

"Parece que há um exagero de alegria na Constituinte. As pessoas devem buscar o real. Espero que os

Constituintes se recuperem rapidamente e que façam uma Constituição sintética, simples e funcional. Não queremos uma lista telefônica, isto é, uma Constituição do tamanho de uma lista telefônica.

"De uma forma geral o Mário Henrique Simonsen foi muito feliz. Aliás, ele escreve muito bem. Foi claro. Li artigo pela manhã e à noite em casa cheguei a marcar alguns pontos. Ele expressou aquilo que nós sentimos. Os Constituintes precisam assumir que estamos no Brasil e que devem fazer uma Constituição que permita o desenvolvimento da nação".

**Elmo Araújo Camões**, Presidente da Associação Brasileira dos Bancos Comerciais e Presidente do Conselho de Administração do Banco Sogeral.

"Venho notando esse irrealismo na aprovação de trabalhos da Constituinte ou mesmo apenas nas suas apresentações. Uma pena que se desperdice tempo com coisa que não levam a nada. É preciso que as pessoas tenham os pés no chão. Que se comportem com responsabilidade em um momento como o atual. Entendo que o País necessita de capitais estrangeiros. Do jeito que a Constituinte se comporta, parece que nós estamos dispensando recur-

so que não temos. É preciso mais juízo e uma política de alto nível, compatível com o Brasil".

**Fernando Lisboa**, Presidente da Associação Brasileira das Empresas de Engenharia Industrial (Abem),

"Não gosto dessas generalizações caricatas, pois o Brasil é mais complexo e desafiador. Isso de Belíndia e Bangladânia é reducionista. Poderia criar-se mais dez arquétipos de civilização. O único acento válido é o da extrema miséria e riqueza que convivem ao mesmo tempo — o Brasil parece o Egito dos faraós. Hoje há no mundo interdependência, seja nas relações do capital internacional, seja na consciência dos trabalhadores. Preocupa-me um país-continente como o nosso em que na década de 50 o salário mínimo tinha o dobro do valor atual, relativamente. Alguns dizem que a esquerda estatizante está se aliando ao pessoal das estatais contra a livre iniciativa. Não sei. Penso nos Estados Unidos, onde existe o modelo da iniciativa privada, e até o crime é muito organizado. Por outro lado, na Europa capitalista, em países que ninguém duvida que são democráticos, a presença do Estado é forte e importante na educação e na medicina. Esse equilíbrio europeu creio que seria o ideal para o Brasil. Aqui há um cam-

po enorme para a iniciativa privada, mas o Estado tem que cuidar da saúde e ensino. O que precisamos, porém, são estatais não corruptas, e onde nem o apadrinhamento ou o mandonismo político existam. Elas teriam que responder perante o Congresso. O fundamental seria que todos fossem honestos. Parece bobo, mas honestidade não é algo de direita, centro ou esquerda. Ser honesto não pode ser sinônimo de idiota ou de perigoso".

**Jorge Mautner**, compositor.

"A Constituinte está sendo uma frustração e o Mário Henrique Simonsen retratou isso fielmente no seu artigo 'O trem-bala para Bangladânia'".

"As Subcomissões estão se tornando um tormento com criatividade além do normal, superando alguns diretores de filmes de ficção. O País merece mais respeito e acho que quando se chegar ao final, o bom senso deverá prevalecer. Pelo menos é o que espero e que o Mário Henrique também quer. Ele dá a entender isso".

**Jaques Eluf**, Presidente da IAT Trading Company e membro do Conselho de Comércio Exterior da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) Fiesp

"O ex-Ministro Simonsen mais uma vez presta um enorme serviço à Nação, alertando para riscos que estamos efetivamente correndo. Eu sei, porém, que ele não acha que somos um caso perdido. Precisamos encontrar o caminho, mas há coisas absolutamente intoleráveis na Constituinte e indicadores preocupantes por parte do próprio Governo, como a imprecisão da declaração do Ministro Bresser Pereira de que os impostos no Brasil são muito baixos. Os impostos são muito elevados".

**Amauri Temporal**, Presidente da Confederação das Associações Comerciais do Brasil.